



## Competências digitais docentes no ensino superior: diagnóstico e possibilidades de formação

Mary Valda Sales<sup>1</sup>

José António Moreira<sup>2</sup>

### RESUMO

O momento atual que vivemos trouxe novos e emergenciais desafios aos professores do Ensino Superior, tornando essencial a aquisição de competências digitais, sobretudo para o uso de ambientes virtuais de aprendizagem e de tecnologias *online*. Nesse sentido, a partir do questionário de autoavaliação *DigCompEdu CheckIn*, validado por Dias-Trindade, Moreira e Nunes (2019), a pesquisa apresentada neste texto objetiva, principalmente, avaliar as competências digitais dos professores do Ensino Superior da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) a partir das suas percepções. A abordagem metodológica quantitativa enfatiza a percepção dos professores sobre suas competências digitais em três dimensões: *competências profissionais*, *competências pedagógicas* e *competências dos estudantes* e envolveu 210 professores da UNEB. Os resultados permitem concluir que os docentes apresentam, globalmente, um nível de proficiência digital moderado - nível B1 -*Integradores*-, sendo as dimensões *competências pedagógicas* e *competências dos estudantes* aquelas por meio das quais os professores apresentam mais fragilidades, destacando-se, na primeira dimensão, as questões relacionadas à avaliação digital, e, na segunda dimensão, o uso responsável das tecnologias. Os resultados mostram, pois, a necessidade de os professores aumentarem o seu nível de proficiência digital por meio de formação continuada, principalmente nas dimensões destacadas.

**Palavras-chave:** Competências Digitais. Ensino Superior. Formação de Professores.

---

<sup>1</sup>marysales@uneb.br - Universidade do Estado da Bahia

<sup>2</sup>jmoreira@uab.pt - Universidade Aberta (Portugal)

## **Teaching digital skills in higher education: diagnosis and training possibilities**

### **ABSTRACT**

*The current moment that we are experiencing has brought new and emergency challenges to higher education teachers, making the acquisition of digital skills essential, especially for the use of virtual learning environments and online technologies. Based on DigCompEdu CheckIn, validated by Dias-Trindade, Moreira and Nunes (2019), the aim of this research is to assess UNEB university teachers' digital competence level. The quantitative methodological approach emphasises the teachers' perception of their digital competences in three dimensions: teachers' professional and pedagogic competences and learners' competences and involved 210 UNEB university teachers'. The main findings allow us to conclude that the teachers show, globally, a moderate level of digital proficiency - level B1 -Integrators- with the dimensions of pedagogical competences and competences of the students being those where teachers have more weaknesses, highlighting, in the first dimension, the issues related to digital assessment and in the second dimension the responsible use of technologies. The results show, therefore, the need for teachers to increase their level of digital proficiency through continuing education, especially in the highlighted dimensions.*

**Keywords:** *Digital Skills. Higher Education. Teacher training.*

Submetido em 04 de novembro de 2022.

Aceito para publicação em 29 de novembro de 2022.

## 1 INTRODUÇÃO

Se as questões relacionadas às necessidades de formação dos professores do Ensino Superior já eram prementes antes da crise pandêmica, com o surgimento do vírus e o consequente encerramento das instituições educativas esse tema passou a ser uma prioridade na agenda educativa. Com efeito, o momento atual trouxe novos e emergenciais desafios aos professores do Ensino Superior, tornando essencial a aquisição de competências digitais, sobretudo para o uso de ambientes virtuais de aprendizagem e de tecnologias *online*.

Nesse sentido, avaliar o nível de proficiência digital dos professores do Ensino Superior da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a partir de um diagnóstico das competências digitais desses professores, é urgente no sentido de pensar propostas de formação continuada que atenuem, auxiliem, contribuam, fortaleçam as práticas desses professores para que possam e continuem a desenvolver a práxis com condições de trabalhar na direção do desenvolvimento da capacidade crítica, política e social das pessoas, da construção de conhecimentos necessários à atuação e à intervenção dos sujeitos na sociedade, de atitudes necessárias para reduzir as diversas desigualdades e de condições de viver e de sobreviver nesse cenário, agora ainda mais complexo, com dignidade e respeito.

Isso significa que os professores têm a responsabilidade de “[...] formar uma personalidade educada, capaz de enfrentar com certa autonomia o vendaval de possibilidades, confusão, riscos e desafios deste mundo globalizado, acelerado e incerto?” (GÓMEZ, 2015, p. 11). Acreditamos que sim, no entanto, é necessário apresentar condições a fim de os professores poderem atuar nesse sentido, tendo em vista vivermos em uma sociedade que nos apresenta, ao mesmo tempo, ideias e práticas inovadoras e, ainda, mantém as velhas estruturas do controle, do disciplinamento, dos modelos prontos e da hierarquia pedagógica da prática.

Nesse contexto movediço, com demandas urgentes para o ensino superior a partir das exigências legais, políticas da própria educação e, também do mundo do trabalho, é que esta pesquisa se estruturou na busca de pensar possibilidades de construção efetiva

de propostas de formação pedagógico-digitais que atendam às necessidades dos professores no que se refere ao contexto educativo, social da era digital, além de sinalizar à instituição o que é urgente para continuar desenvolvendo sua função de oferta de educação pública de qualidade.

Para além disso, constatamos, igualmente, que, na última década, as propostas formativas para a integração de tecnologias nas práticas educativas, nos processos de formação de professores são muitas, entretanto com o foco mais direto na usabilidade e não na exploração e na eficiência pedagógica dessas tecnologias a partir das demandas de contextos específicos de formação.

Tomando por base essa constatação, projetamos, pois, uma pesquisa para avaliar as competências digitais dos professores do Ensino Superior da UNEB, recorrendo ao efeito do referencial *Digital Competence of Educators (DigCompEdu)* e ao questionário de autoavaliação *online*, sendo este desenvolvido pelo *EU Science Hub*, validado por Dias-Trindade, Moreira e Nunes (2019) à população portuguesa e adaptado ao português do Brasil por Sales e Santo no mesmo ano de 2019.

## **2 O REFERENCIAL *DIGITAL COMPETENCE OF EDUCATORS (DIGCOMPEDU)***

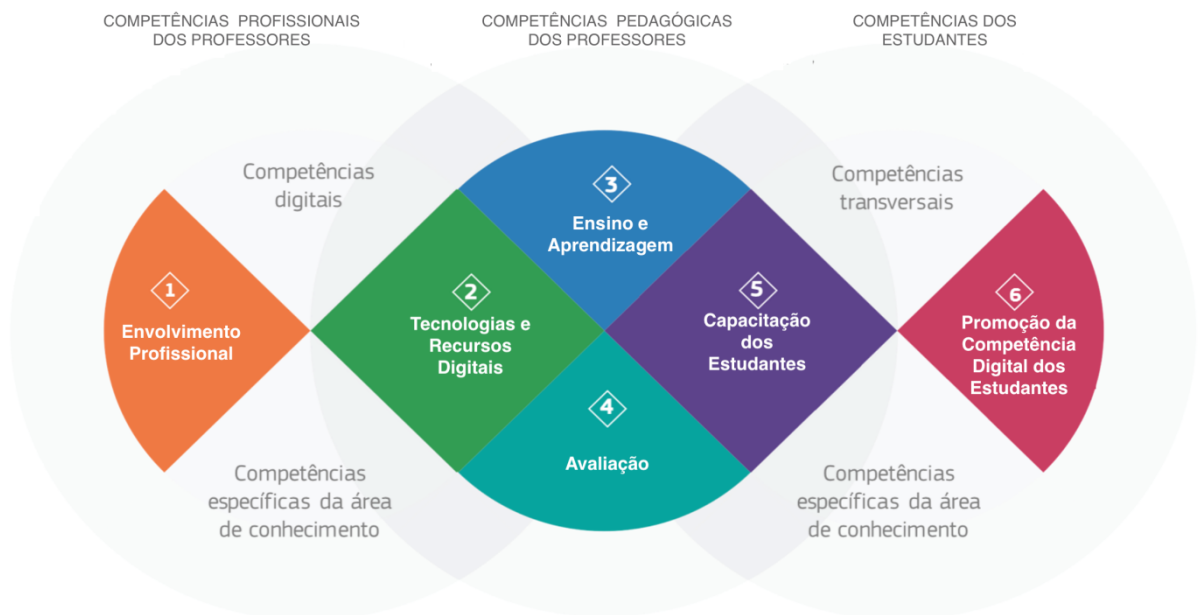
Diante do contexto social contemporâneo numa sociedade imersa nas ambiências das tecnologias e das mídias digitais, da mobilidade e da ubiquidade, a fim de contribuir para a promoção da melhoria dos processos de aprendizagem mediados pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), principalmente, na sua vertente digital, várias organizações e centros internacionais, como o *EU Science Hub*, têm vindo a realizar estudos diversos para apoiar e sustentar o trabalho desenvolvido nesta área.

Um dos produtos mais recentes, desenvolvido por tal departamento, é o relatório *Digital Competence of Educators (DigCompEdu)*, que visa a identificar as competências digitais dos professores (REDECKER, 2017). A partir desse relatório, e com a colaboração de diferentes países, o departamento em comento desenvolveu um questionário que permite aos docentes não somente identificar o seu nível de competência digital, mas também receber feedback sobre a formação a realizar com o intuito de avançar para um nível de

proficiência digital mais elevado.

O modelo *DigCompEdu* (REDECKER, 2017), em português *Competências Digitais de Professores*, compõe-se por seis áreas, sintetizadas na Figura 1, utilizadas como base diagnóstica para identificar o nível de proficiência digital dos professores.

**Figura 1 - Modelo *DigCompEdu***



**Fonte: Dias-Trindade, Moreira e Nunes, 2019 (traduzido e adaptado de REDECKER, 2017).**

Em cada uma destas seis áreas, apresentam-se objetivos, dos quais derivam descritores que representam aspectos diferentes das atividades dos educadores:

### **Área 1: Envolvimento profissional**

Usar tecnologias digitais para comunicação colaborativa e desenvolvimento profissional.

- Comunicação institucional; colaboração profissional; prática reflexiva; DPC Digital.

### **Área 2: Recursos digitais**

Selecionar, criar e partilhar recursos digitais.

- Seleção; criação e modificação; gestão, proteção e partilha.

### **Área 3: Ensino e aprendizagem**

Gerir e orquestrar o uso de tecnologias digitais no ensino e aprendizagem.

- Ensino; orientação; aprendizagem colaborativa; aprendizagem autorregulada.

#### **Área 4: Avaliação**

Usar tecnologias e estratégias digitais para melhorar a avaliação.

- Estratégias de avaliação; análise de evidências; *feedback* e planificação.

#### **Área 5: Capacitação dos estudantes**

Usar tecnologias digitais para melhorar a inclusão, a personalização e o envolvimento ativo dos estudantes.

- Acessibilidade e inclusão; diferenciação e personalização; envolvimento ativo.

#### **Área 6: Promoção da competência digital dos estudantes**

Possibilitar, aos estudantes, o uso de tecnologias digitais de forma criativa e responsável para informação, comunicação, criação de conteúdos, bem-estar e resolução de problemas.

- Literacia da informação e das mídias; comunicação e colaboração; criação de conteúdo; uso responsável; resolução de problemas.

Ademais, a partir dessas seis áreas, descrevem 22 competências e seis níveis progressivos de apropriação das tecnologias pelos professores do nível iniciante ao nível inovador. Nessa perspectiva, os níveis são assim distribuídos:

- dois primeiros níveis: espera-se que o professor assimile novas informações e desenvolva práticas digitais básicas.
  - *Recém-chegado* (A1);
  - *Explorador* (A2).
- dois níveis intermediários: espera-se que o professor aplique os conhecimentos desenvolvidos, buscando aprimorar suas práticas.
  - *Integrador* (B1);

- *Especialista (B2).*
- níveis mais avançados: espera-se que professor aplique e compartilhe seus conhecimentos, analise práticas existentes e desenvolva novas.
  - *Líder (C1);*
  - *Pioneiro (C2).*

Para tais níveis, determinam-se características específicas detalhadas na Figura 1.

Por considerarmos ser este um modelo dos mais completos existentes em termos internacionais, que oferece *feedbacks* individualizados para apoiar processos de desenvolvimento de competências a partir do diagnóstico das necessidades formativas identificadas e, também, já validado em Portugal por meio do estudo de Dias-Trindade, Moreira e Nunes (2019), que definiram as qualidades psicométricas do questionário em questão, optamos pelo mesmo para avaliar as competências digitais dos Professores da UNEB.

### **3 METODOLOGIA**

Com fundamento no exposto, desenvolvemos um estudo de natureza quantitativa, sendo aplicado o questionário já referido no ponto anterior. A pesquisa realizou-se em 2019, meses antes da crise pandêmica aparecer, com docentes do Ensino Superior da UNEB, atingindo 210 docentes na primeira etapa, mesmo tendo sido encaminhada para todos os 2263 professores espalhados nos 24 campi da Universidade no Estado. A intenção é atingir, numa segunda etapa os cerca de 2400 professores da instituição, atualmente registrados, no sentido de pensar uma política de formação própria para a UNEB, universidade pública da rede estadual, na Bahia, presente em todas as regiões do Estado, que permita responder aos novos desafios trazidos pelo COVID-19.

A testagem do instrumento realizou-se com um grupo de 10 professores, todos doutores, lotados no curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Campus I, da

UNEB, localizado na cidade de Salvador/Bahia/Brasil. A validação do instrumento *online* deu-se após a efetivação dos ajustes necessários no texto introdutório de apresentação da ferramenta, a correção da grafia de palavras nas questões sobre Formação Inicial e sobre o Campi de vinculação do participante. Após validação, encaminhamos o questionário por listas de e-mail institucional fornecidas pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD), numa mala direta por Departamento, com uma indicação para os Diretores de Departamento, esclarecendo sobre o objetivo da pesquisa e solicitando apoio para que os professores respondessem ao questionário, o que aconteceu até outubro de 2019.

No texto introdutório do instrumento, apresentamos um enquadramento da pesquisa e seu principal objetivo conforme demonstrado na Figura 2 a seguir:

**Figura 2- Página Inicial do DigCompEdu-UNEB – 2019**



The screenshot shows the initial page of the DigCompEdu-UNEB survey. At the top left is the EUSurvey logo. At the top right, it says "Olá, Mary SALES (encerrar sessão) | Ajuda | Língua". The main heading is "Escala de Avaliação de Fluência Tecnopedagógica Digital de Professores (DigCompEdu-UNEB)". Below this is a welcome message: "Bem vind@ ao DigCompEdu-UNEB,". The main text describes the initiative by UNEB, mentioning the ForTEC group and the PROGRAD program. On the right side, there are logos for "Rede Colaborativa de Aprendizagem" and "UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA". Below the logos, there is a "Línguas" dropdown menu set to "[PT] português" and a "Contacto" section with the email "fortec@uneb.br".

**Fonte: Instrumento de pesquisa (2019).**

No período de aplicação do questionário, e como já referido, contamos com a colaboração de 210 professores respondentes, considerados pelo critério de responder ao diagnóstico no período pré-estabelecido, os colaboradores da pesquisa, constituindo-se no coletivo de sujeitos da pesquisa, representando a participação de 23 dos 24 campi da Universidade, dos quais apenas o Campus – Brumado não foi representado, pois não



houve nenhum professor participante vinculado ao mesmo, como podemos ver na Figura 3.

**Figura 3- Mapa de alcance do DigCompEdu/UNEB 1ª etapa**



**Fonte: Anuário da UNEB, 2018 e Dados da Pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

Como podemos ver no Gráfico 1, a seguir, os professores participantes da pesquisa, na sua maioria, têm idades compreendidas entre 34 e 54 anos de idade, ou seja, cerca de 72,87%. Percebemos, nesse ponto, que o maior percentual de respondentes está exatamente com as pessoas nascidas na década de 1960 (entre 1969 e 1966), portanto, as que passaram sua adolescência em plena década de 1980, no período das grandes mudanças e das novidades no meio social e tecnológico.

**Gráfico 1 – Perfil dos participantes por idade/em anos**

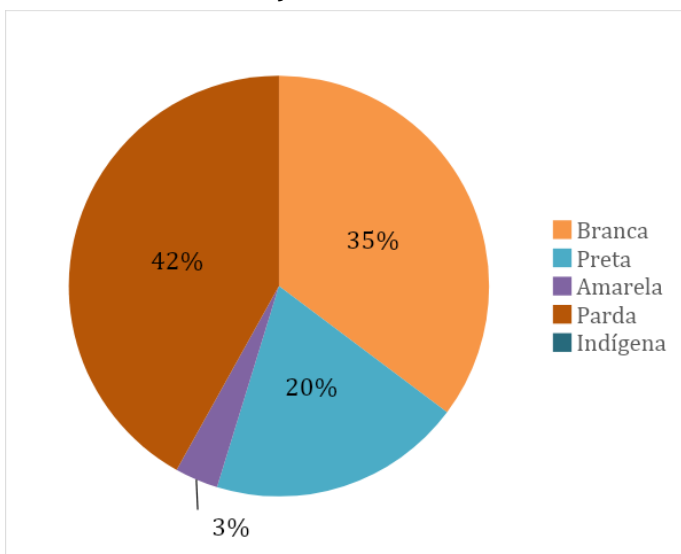


**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

Esse gráfico demonstra que nossos colaboradores, em sua maioria, estão na faixa etária que corresponde aos adultos com acesso às tecnologias digitais e que fazem uso dessas para situações da vida cotidiana, como explicitado pelos mesmos nas respostas apresentadas, mas demonstram, ainda, dificuldades de inseri-las no cenário educacional.

No que tange à raça/cor, a partir da especificação do IBGE, constatamos, nos resultados, que 62% se declararam pretos ou pardos, reafirmando, com isso, o que consta no Censo da UNEB 2019, isto é, uma universidade majoritariamente negra; outros 35% se declararam brancos, demonstrando que a UNEB, também no seu corpo docente, é uma universidade plural no tocante às características étnico-raciais.

**Gráfico 2 – Perfil por Raça/Cor**



**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

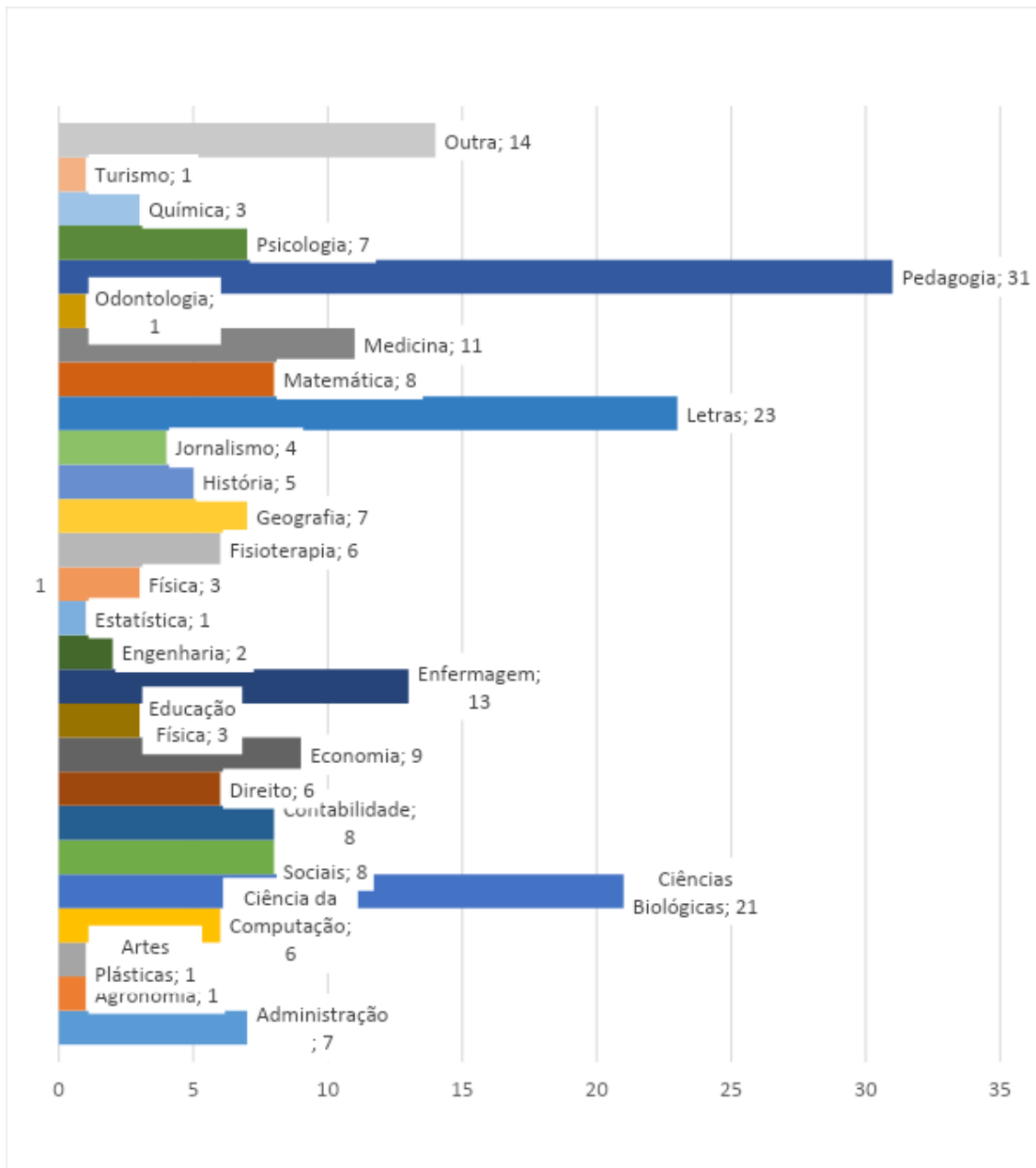
Mesmo assim, ainda temos que refletir acerca dessa identidade a partir das características étnico-raciais, uma vez que nosso censo demográfico nacional não reflete objetivamente acerca das designações de “cor”. É válido destacarmos, ainda, estudos realizados por pesquisadores em todo o Brasil que questionam o fato de considerar negros os pretos e pardos, visto que os pretos ainda sofrem mais com a discriminação em todos os setores da sociedade. No entanto, o Estatuto da Igualdade Racial (2010) define a população negra como “[...] o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam auto-definição análoga” (p. 3). Mostra-se importante sinalizar que esse dado, mesmo sendo apresentado aqui, carece de outros estudos, que não é o foco dessa investigação.

Também consideramos as questões de gênero para que pudéssemos estabelecer um desenho identitário do grupo participante da pesquisa, tendo em vista que disparamos o instrumento para todos os professores dos 24 campi da universidade. Assim, obtivemos, do total de 210 respondentes dentro do prazo estabelecido para a primeira etapa, 127 pessoas do gênero feminino e 83 do gênero masculino, com um percentual de 60% do gênero feminino. No que se refere a esse aspecto, fica nítido que ainda se mantêm as características do trabalho docente como uma prática laboral majoritariamente feminina mesmo na universidade e, nesse cenário, essa incidência se dá pelo fato de a UNEB ser uma instituição pública cujo histórico toma as licenciaturas como sua prioridade e objetivo de existência há 30 anos. Ponto importante para abordarmos em outro estudo no que tange ao papel das mulheres na docência e a relação objetiva da sua formação e prática pedagógica com a codição de “ser mulher” na contemporaneidade.

Vale destacar, ainda, como característica que compõe o perfil dos colaboradores da pesquisa, a formação inicial desses, tendo em vista que a participação dos licenciados em Pedagogia, Letras e Ciências Biológicas constitui um total de 81 professores, correspondendo a 35,71% da população pesquisada dentro de um universo representativo diverso na perspectiva do campo da formação inicial dos professores colaboradores

segundo podemos verificar no Gráfico 3.

**Gráfico 3 – Perfil dos professores quanto à formação inicial**

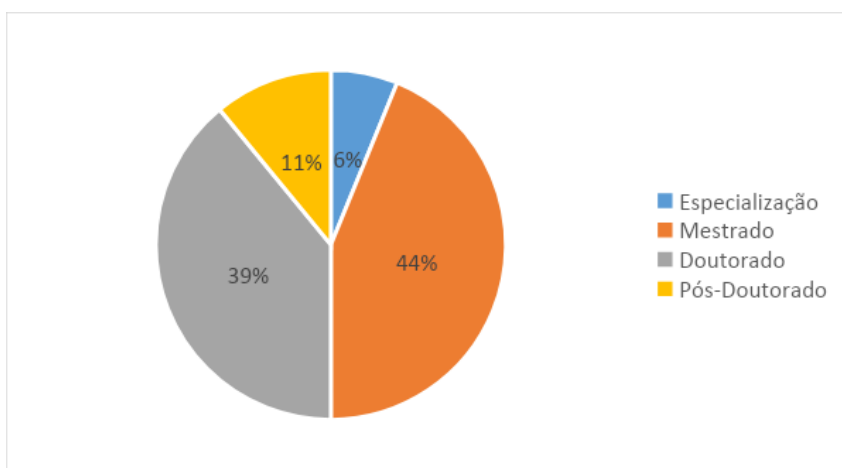


**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

Como é fácil de observar, a representação de 26 áreas de formação inicial distintas, e, ainda, um coletivo de professores que têm “outras formações” expressam claramente a abordagem ampliada do alcance da formação ofertada pela universidade e dos diversos campos de atuação dos professores colaboradores. Constatamos, de igual modo, que esse

grupo de professores tem, na sua maioria, formação em nível de Mestrado e de Doutorado, representando um total de 83% da população da pesquisa, sendo que 11% realizaram, semelhantemente, pesquisa de pós-doutorado, como demonstra o Gráfico 4.

**Gráfico 4 – Perfil dos professores quanto à formação pós-graduada**



**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

Fica claro aqui que o perfil dos professores colaboradores da pesquisa é diverso na perspectiva étnica, com uma representatividade negra preponderante, diversa na formação inicial, que é bem qualificado em nível de formação continuada *stricto sensu*, sendo, na sua maioria, constituído por mulheres. Isto é, retrata a pluralidade da Universidade do Estado da Bahia.

A partir de tal contexto, expressamos a seguir alguns dos resultados parciais da pesquisa desenvolvida.

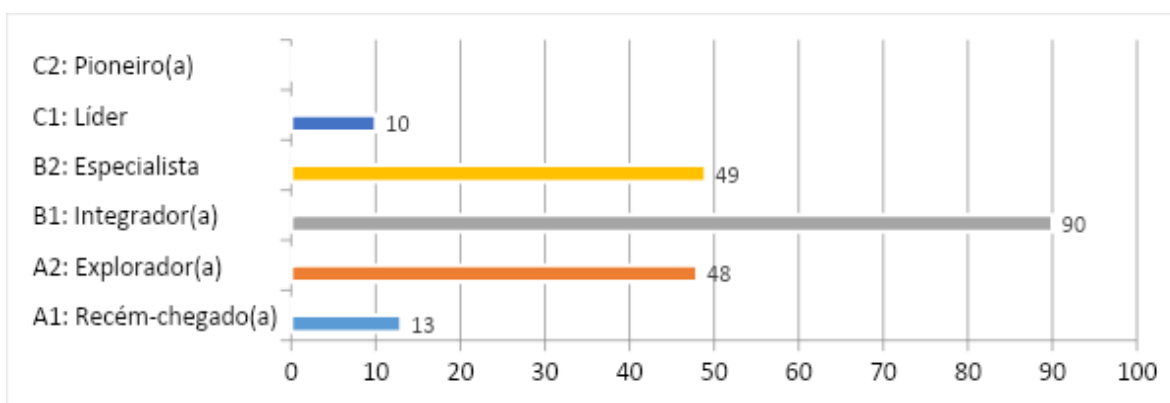
#### 4 RESULTADOS

Tendo presente o modelo já referenciado anteriormente, o *DigCompEdu*, acreditamos que, ao refletir a partir do que são constituídos os descritores de cada competência autoavaliada pelos professores, identificaremos o conjunto de competências digitais específicas que ainda precisam ser potencializadas para que esses possam ser capazes “[...] de aproveitar o potencial das tecnologias digitais para aprimorar e inovar a educação” (REDECKER, 2017, p. 8).

Analisadas as respostas ao questionário, verificamos que a maioria dos professores participantes se posiciona nos níveis B1: *Integrador* (n=90) e B2: *Especialista* (n=49), sendo que o nível o qual mais se destaca é, claramente, o B1: *Integrador*. De acordo com os autores do questionário.

Os integradores experimentam a tecnologia digital em vários cenários, com diferentes finalidades e incorporam-na em suas práticas. Usam a tecnologia de forma criativa para melhorar o seu envolvimento profissional. Todavia, ainda, estão num processo de compreensão acerca da forma como poderão integrar as tecnologias e as mídias digitais nas prática educativas. Precisam de um maior grau de maturidade para experimentar e refletir, complementado com apoio colaborativo e partilha para passarem ao nível seguinte, ou melhor, de *Especialistas* (B2)<sup>3</sup>.

**Gráfico 5 – Diagnóstico final do DigCompEdu-UNEB 1ª etapa**



**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

Com efeito, a leitura do gráfico permite-nos verificar que 43% dos professores encontram-se no grupo B1: *Integradores*, o que demonstra, no geral, que temos professores os quais experimentam as tecnologias digitais em diversos contextos, com objetivos diferentes, com criatividade e autonomia. No entanto, são professores que necessitam de formação continuada no sentido de ampliar seu repertório de conhecimento técnico, instrumental e metodológico, ou seja, profissionais que, pelo perfil ora exposto, estão abertos a oportunidades formativas que contribuam com a melhoria de sua atuação docente.

<sup>3</sup> Informação que consta do *feedback* fornecido pelo DigCompEdu depois da participação no questionário.

Constatamos, do mesmo modo, que, do total dos 210 professores participantes, 66% são profissionais os quais podem, a partir de uma proposta de formação que atenda às suas demandas específicas, mudar de nível no quadro diagnóstico do *DigCompEdu*-UNEB com facilidade, pois estão classificados como sujeitos que já fazem uso potencial das tecnologias digitais, que conhecem e têm acesso no seu cotidiano, necessitando de mais conhecimentos para terem condições de operar cognitivamente e didaticamente nos diversos contextos formativos a partir das demandas apresentadas. Acreditamos, portanto, que o potencial dos processos de qualificação da prática docente está nas condições materiais e imateriais existentes nos ambientes profissionais no sentido de que “[...] a experiência da formação conhece a *temporalidade, a duração, o inacabamento, a realização*, tão importantes para pensarmos na complexidade do tempo e das experiências de formação” (MACEDO, 2010, p. 27), pois a formação nesse aspecto “[...] não se adequa à proposta de modelagem, de capacitação, à lógica implementada pelas perspectivas instrumentalistas, pois acima de tudo a formação é um assunto do Ser Humano, passível de imprevistos e irreversibilidade” (SALES, 2013, p. 118), ou melhor, significadas na prática e na experiência socialmente e subjetivamente construídas.

Refletir acerca das demandas de formação continuada dos professores para inserção e uso das tecnologias digitais no seu contexto profissional como recurso de planejamento, exercício, avaliação e desenvolvimento da formação não se traduz tão somente na identificação do perfil geral dado por um diagnóstico que considera competências com descritores específicos. Sendo assim, é necessário verificar em que pontos são importantes ações formativas mais pontuais e particulares haja vista a formação ser um processo que envolve uma aprendizagem situada, isto é, uma aprendizagem que acontece com e para o indivíduo, constituindo-se como fruto de uma construção sociointerativa intra e interpessoal (SALES, 2013).

O quadro diagnóstico do *DigCompEdu* nos apresenta o objetivo de “[...] fornecer uma base comum para este debate, com uma linguagem e lógica comuns como ponto de partida para o desenvolvimento, a comparação e a discussão de diferentes instrumentos para o desenvolvimento da competência digital dos educadores” (REDECKER, 2017, p.13).

Por tal motivo, requer uma análise detalhada dos resultados das áreas e das competências propostas de modo complexo, ampliado e específico a partir de questões importantes para cada contexto formativo a exemplo da faixa etária, da formação inicial e da pós-graduação, dentre outros.

Por conseguinte, para podermos apresentar uma ideia de projeto de formação em tecnologias digitais para os professores da UNEB, faremos uma análise ampliada dos resultados do *DigCompEdu*-UNEB, dessa primeira etapa, considerando as seguintes variáveis:

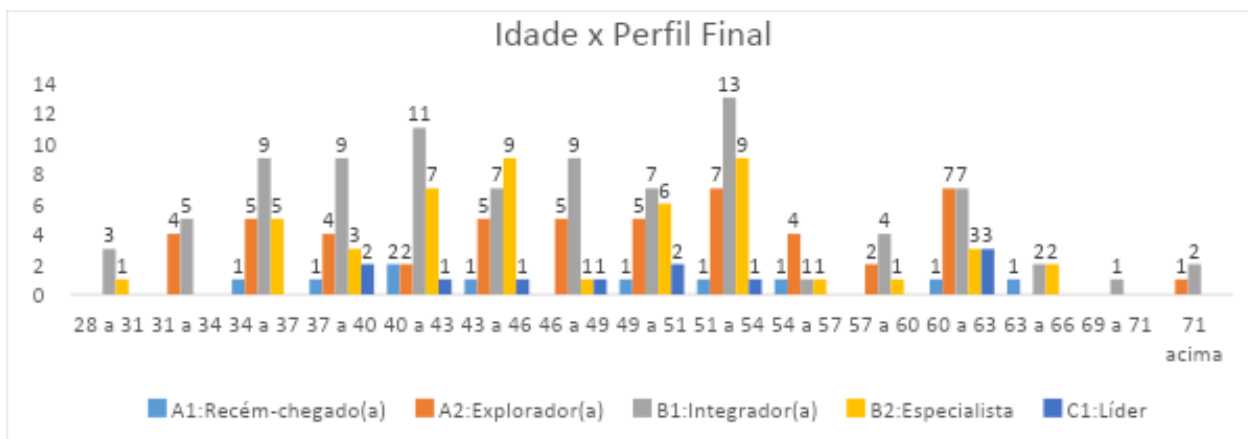
- a) Idade;
- b) Gênero;
- c) Formação de Pós-Graduação;
- d) Formação de Graduação (inicial),

Desse modo, detalharemos de maneira mais objetiva o perfil pedagógico-digital dos professores, considerando as seis áreas de formação propostas pelo *DigCompEdu* em suas especificidades das competências digitais expostas como necessárias para o professor ser fluente digitalmente em contexto educativo.

No que tange à variável idade dos professores participantes, verificamos que o maior percentual de respondentes tem ano de nascimento compreendido entre os anos de 1966 e 1969, portanto, foram adolescentes que não viveram a era do digital. No entanto, é urgente considerar que, nesse aspecto, a formação e as experiências desses sujeitos interferem objetivamente na definição do perfil dos mesmos, conforme podemos identificar a seguir:

#### **Gráfico 6 - Variável Idade**





**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

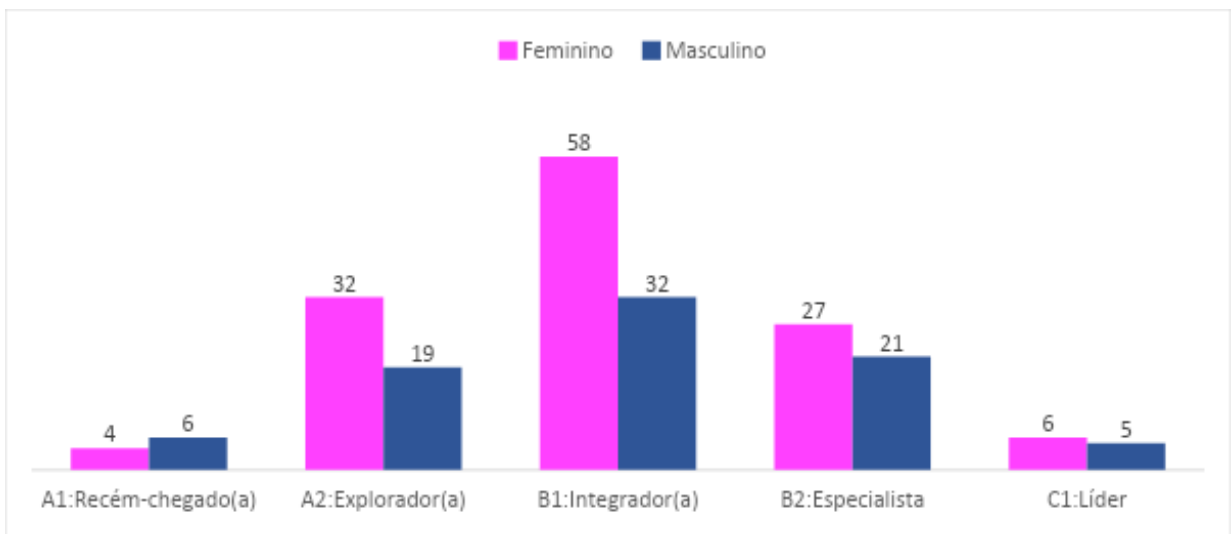
Podemos identificar que, exceto na faixa etária entre 43 e 46 anos, o maior percentual do perfil dos professores foi de especialistas, isto é, em todas as demais faixas etárias figurou o perfil do B1: *Integrador(a)*, o que demonstra que os professores aplicam, ampliam e estruturam as suas práticas pedagógicas com o auxílio e/ou integração das tecnologias digitais.

Nessa direção, Prensky (2009) afirma que, a partir da “sabedoria digital”, a divisão entre as gerações deixa de existir, pois, com a sociedade repleta de tecnologias digitais, disponível para todos em todos os espaços, possibilita a aquisição dessa “sabedoria digital” através do contato com as tecnologias, o manuseio e a utilização para diversas situações da vida cotidiana, da capacidade cognitiva de cada sujeito, independente de faixa etária de idade, de geração. Por tal perspectiva é que podemos afirmar que a convivência com sujeitos nascidos na era digital e as exigências no universo do exercício da docência possibilitam, também, a formação continuada dos professores.

Vale destacar ainda que devemos ter alguma atenção à generalização para não deixar de considerar questões como a exclusão digital, os problemas socioeconômicos e as dificuldades geográficas que, até aos dias atuais, impedem o acesso, por exemplo, às tecnologias digitais e à conexão com a internet.

Ao refinar essa análise considerando a idade dos professores a partir da seleção de gênero, constatamos, da mesma forma, que a maioria de homens e de mulheres se posiciona no nível B1: *Integrador(a)*, como podemos ver no Gráfico 7:

**Gráfico 7 – Variável Gênero**

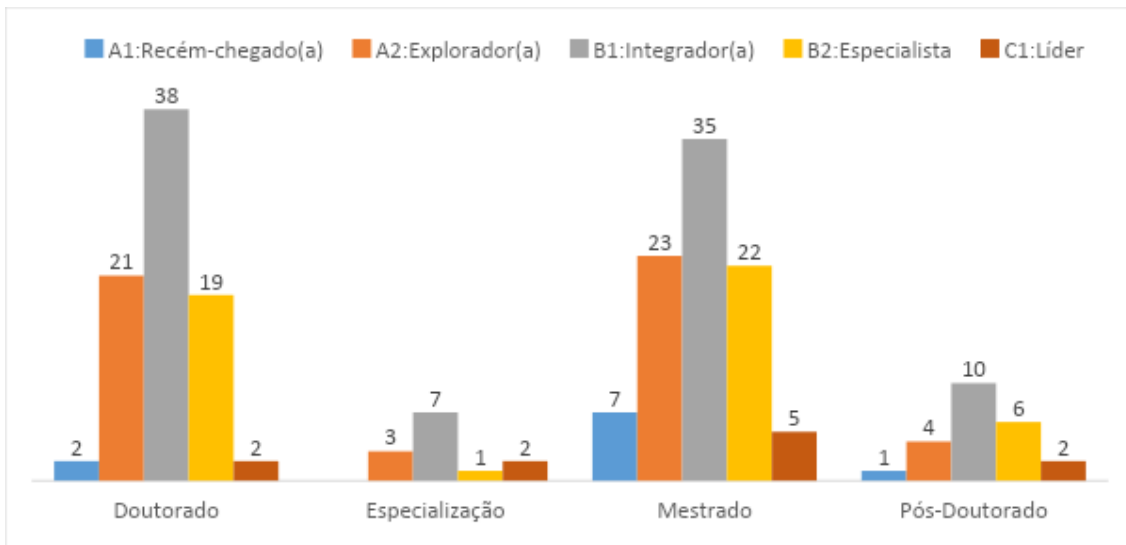


**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

Referente a esse nível, consideramos que as questões de gênero não são relevantes no que tange à apropriação das tecnologias digitais ao contexto educativo, tendo em vista que não impactam diretamente na caracterização do nível de proficiência dos professores, uma vez que temos proporções equilibradas considerando tal variável.

Por sua vez, a leitura do Gráfico 8 revela-nos que, independentemente da formação, o resultado final se repete no perfil de B1: Integrador(a). Ressaltamos que só não existe ocorrência de professor no nível A1: Recém-chegado na categoria de professores especialistas, portanto, professores que, diante do contexto de atuação no ensino superior são aqueles que trabalham em campos específicos de sua formação inicial com práticas relacionadas ao seu contexto de trabalho.

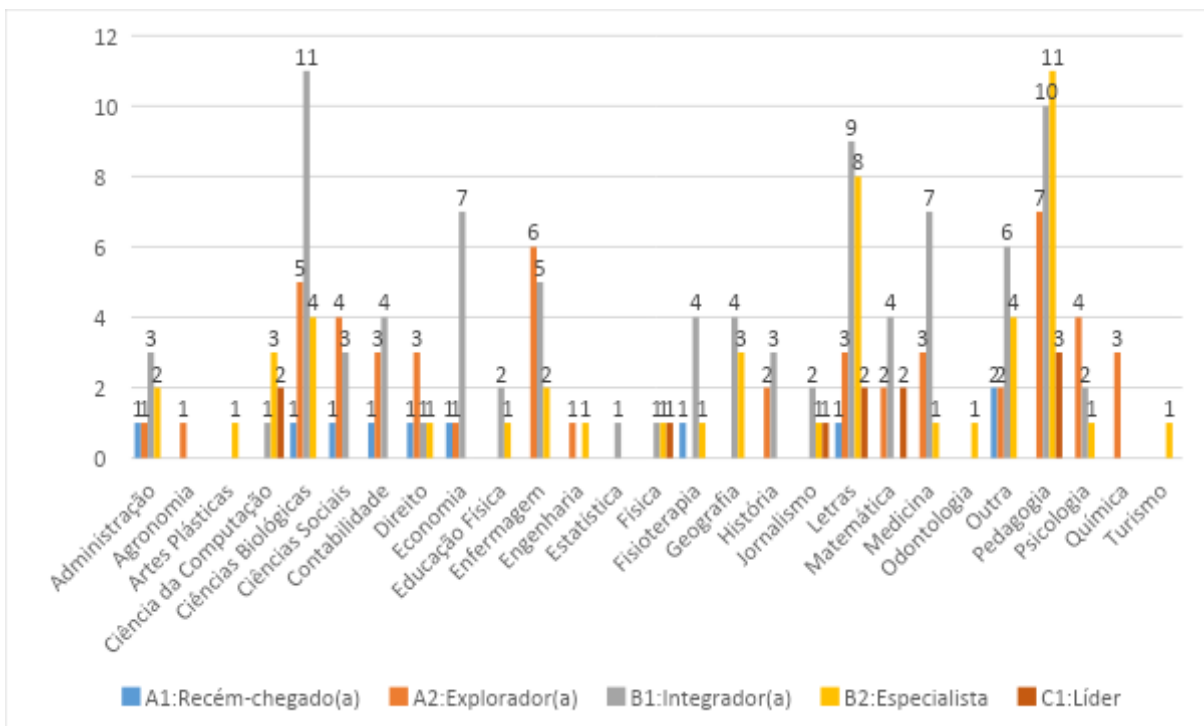
**Gráfico 8 – Variável Formação a nível de Pós-Graduação**



Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa *DigCompEdu-UNEB* (2019).

Podemos confirmar que o padrão se repete quando abordamos a relação do perfil em nível de graduação, isto é, com a formação inicial. Vejamos:

**Gráfico 9 – Variável Formação a nível de Graduação**



Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa *DigCompEdu-UNEB* (2019).

Uma questão que se destaca na análise deste gráfico é o fato de os graduados em Pedagogia, aqueles com uma formação generalista, no entanto que possuem uma formação pedagógica mais aprofundada em relação aos demais cursos de licenciatura, apresentarem o maior índice de professores com o perfil de B2: *Especialista*, o que, mais uma vez, confirma ser a formação continuada fruto das demandas impostas pela prática pedagógica cotidiana.

Para além dessa evidência, constata-se, também, que, no geral, o perfil de proficiência digital dos professores da UNEB corresponde a um perfil de B1: *Integradores* (43%) e de B2: *Especialistas* (23%). Essa constatação, admite nossa perspectiva inicial, ou melhor, de que a proficiência digital é desenvolvida a partir do que os sujeitos são demandados em seus contextos profissionais e das condições materiais e humanas com que experienciam a formação, pois não se trata tão somente de “[...] inserir ‘algo’ novo ao processo educativo” (SALES, 2018, p. 230), trata-se de exercitar a coerência, a ousadia, o engajamento na resolução de questões próprias da formação, isto é, de praticar a inovação como “[...] um conjunto de intervenções, decisões e processos que possibilitam alterar atitudes, cultura, ideias, conteúdos, modelos e práticas” (SALES, 2018, p. 231) com o auxílio das tecnologias digitais nas ambiências do planejamento, da avaliação, do desenvolvimento e da vivência da formação.

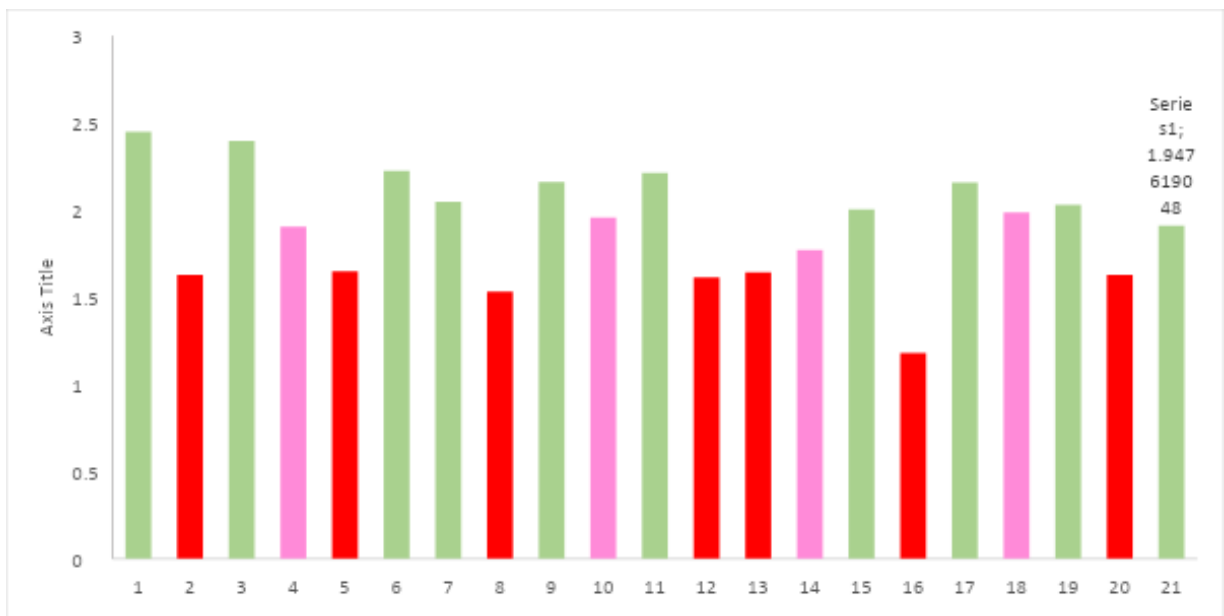
Foi nessa direção que procuramos identificar o perfil de proficiência digital dos professores e conhecer os níveis de sua competência digital. Assim, preocupamo-nos em saber quais as áreas, a partir do que propõe o *DigCompEdu*, que necessitam de maior atenção no sentido de pensar a formação continuada.

Assim, considerando as competências descritas em cada área do *DigCompEdu* e para realizarmos uma análise mais detalhada das 21 questões, construímos um parâmetro de medida com o intuito de pontuarmos cada questão a partir de uma competência digital específica, havendo, para cada qual, cinco possibilidades de respostas. Nessas, de acordo com o nível de competência, pontuamos de 0 a 4 pontos. Assim, a métrica de análise ficou a seguinte:

- DC1: Baixo – De 0,5 a 1

- DC2: Em evolução – De 1 a 1,5
- DC3: Na média – De 1,5 a 2
- DC4: Bom – De 2 a 2,5
- DC5: Alto – 2,5 acima

**Gráfico 10 – Níveis de Competência Digital por Questão nas Áreas do DigCompEduc-UNEB**



**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa DigCompEdu-UNEB (2019).**

A leitura do Gráfico 10 permitiu-nos verificar que as questões cujos valores são mais baixos, na zona vermelha, relacionam-se, na sua maioria, às competências pedagógicas dos professores:

*2.1 Colaboração por meio de tecnologias*

*3.2 Acompanhamento e orientação*

*4.1 Aprendizagem autorregulada*

*4.2 Estratégias de avaliação*

*5.2 Diferenciação e personalização*

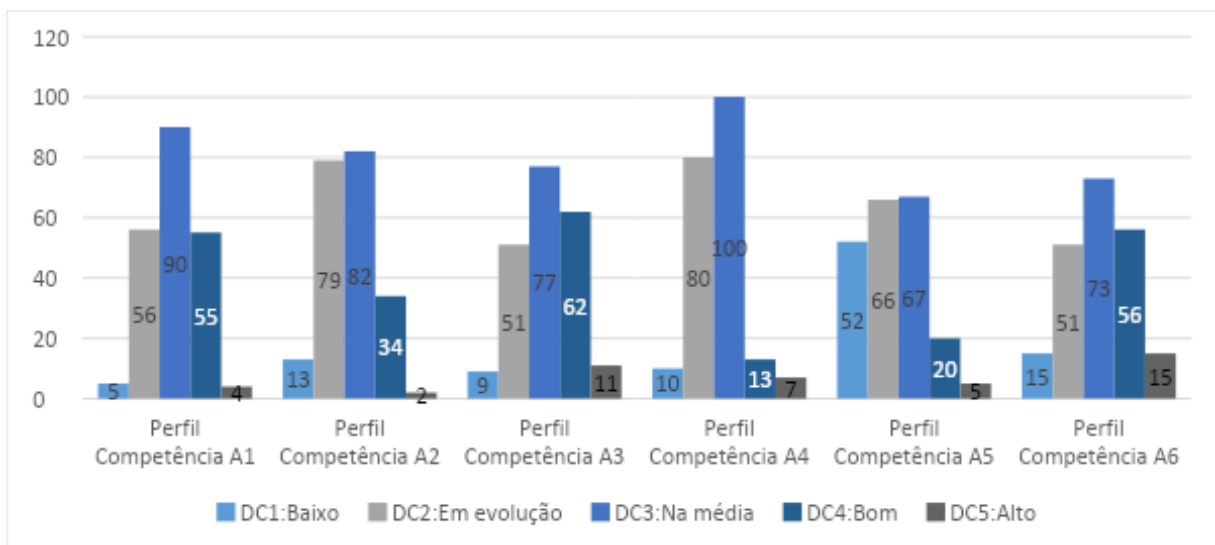
É verificável que são competências dos professores diretamente ligadas à sua

prática pedagógica no movimento educativo para com seus alunos, no processo de ensino e de aprendizagem, portanto, competências que permitem ao professor obter possibilidades diversas a fim de atuar digitalmente no contexto da prática pedagógica efetiva.

A sinalização dessas competências mais “frágeis” no campo da atuação pedagógica dos professores reflete diretamente nas outras duas áreas do *DigCompEdu*-UNEB visto que, na Área 1 – Competências profissionais, a questão que demanda atenção é justamente a 1.2 - *Desenvolvimento e competências*, e na Área 6 – Competências dos estudantes, é a questão 6.4 – *Uso responsável das tecnologias*.

Por outro lado, vejamos no Gráfico 11 como os resultados finais de cada questão se refletem nas áreas específicas.

**Gráfico 11 – Níveis de Competência Digital por Área do *DigCompEduc*-UNEB**



**Fonte: Dados Gerais, questionário de pesquisa *DigCompEdu*-UNEB (2019).**

A leitura atenta do gráfico permite-nos constatar que, na dimensão *Competências Pedagógicas dos Professores* a Área 3 – *Ensino, e Aprendizagem* e a Área 5 – *Formação dos Estudantes*, são as que apresentam valores mais baixos, sendo, pois, necessário reforçar também a oferta formativa nessas áreas, criando condições para que os professores possam evoluir pedagogicamente usando o digital. Também, a Área 6- *Promoção da Competência Digital dos Estudantes*, referente às *Competências dos Estudantes*, parece-nos merecer uma atenção especial já que os valores também são relativamente baixos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade sofre diretamente as transformações ocorridas na sociedade visto que nela refletem diretamente as novas formas de viver, de pensar e de interagir das pessoas umas com as outras. Nesse contexto, os professores do ensino superior são chamados a lidar diretamente com estudantes com diferentes focos de atenção, outras estratégias de interação e novos mecanismos de comunicação.

É nessa perspectiva que, fruto das profundas mudanças verificadas na contemporaneidade, alteram substancialmente a forma como pensamos e interagimos. Desse modo, as instituições educativas têm se deparado com a necessidade de alterar mentalidades e, sobretudo, práticas. O foco encontra-se, por um lado, num novo modelo de estudante e, por outro lado, nas novas necessidades dos mercados de trabalho que, hoje, procuram levar os seus profissionais a desenvolverem competências transversais (*soft skills*) para além das competências específicas associadas ao seu desempenho profissional.

É nesse sentido que o digital pode contribuir para o desenvolvimento dessas competências, de carácter transversal e multidimensional, pois poderemos pensar em articular metodologias já existentes a novas estratégias de ensino e de aprendizagem focadas e em métodos de aprendizagem adaptativos, além, é claro, de propostas de formação que atendam às especificidades e às necessidades pedagógicas e instrumentais de cada um a partir de suas autoavaliações.

No tocante aos resultados desta pesquisa, foi possível concluirmos que, em termos globais, os sujeitos participantes apresentam um nível de proficiência digital moderado, situando-se o maior número de professores no nível B1: *Integrador*, sendo que as dimensões *Competências Pedagógicas dos Professores* e *Competências dos Estudantes* são aquelas que apresentam valores mais baixos.

Analisando com mais detalhes as 21 competências do questionário, verificamos serem competências relacionadas às diferentes necessidades dos estudantes que refletem maiores dificuldades em ser concretizadas. Quando essas remetem ao *feedback* para uma aprendizagem autorregulada, surgem maiores dificuldades na concretização das

atividades com o digital, sendo isso resultado idêntico aos do estudo desenvolvido por Dias-Trindade e Moreira (2018) com professores portugueses.

Ademais, a pesquisa revela não haver diferenças entre as variáveis idade, gênero, formação graduada e pós-graduada e o nível de competência digital dos professores, notando-se, no entanto, que, apesar de a maioria se posicionar no Nível B1: *Integrador*, os professores com idade compreendidas entre os 43 e 46 anos e os graduados em Pedagogia apresentam valores superiores aos restantes, sendo os únicos que se situam no Nível B2: *Especialistas*.

Perante esse resultado diagnóstico do *DigCompEdu*-UNEB, pensamos ser viável encaminhar uma proposta de formação continuada aos professores da UNEB que se configure como um processo aberto, livre e contextualizado.

Nesse contexto, esse diagnóstico encaminha a idealizar uma formação continuada que proporcione aos professores possibilidades diversas de atuação que podem, a qualquer tempo, de acordo com o perfil apresentado pelo professor, ampliar o nível de competência digital no desenvolvimento do fazer educativo docente, no planejamento sistemático de suas ações dentro e fora da sala de aula com o uso das tecnologias digitais.

Assim, propomos uma formação continuada de professores para o ensino superior que possa ser articulada às necessidades contextuais de cada realidade pedagógica e ecologicamente sustentável na perspectiva do que é uma formação continuada (MOREIRA; SALES; RANGEL, 2019).

## 6 REFERÊNCIAS

DIAS-TRINDADE, S.; MOREIRA, J. A. Avaliação das competências e fluência digitais de professores no ensino público médio e fundamental em Portugal. **Revista Diálogo Educacional**, v. 18, n. 58, p. 624-44, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24187>. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.18.058.DS02>. Acesso em: 20 jul. 2022.

DIAS-TRINDADE, S.; MOREIRA, J. A.; NUNES, C. Escala de Avaliação de competências digitais de professores. Procedimentos de construção e validação. **Texto Livre. Linguagem e Tecnologia**, v. 12, n. 2, p. 152-71, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/14921>. Acesso em: 20 jul. 2022.



EUROPEAN COMMISSION. **European Framework for the Digital Competence of Educators DigCompEdu**. JRC science for policy report. REDECKER, C.; PUNIE, Y (Ed). Joint Research Centre (JRC). Luxemburgo: Publications Office of the European Union, 2017. Disponível em: <https://ec.europa.eu/jrc/en/digcompedu>. Acesso em: 03 jun. 2022.

GÓMEZ, Á. **Educação na era digital: a escola educativa**. Trad. Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

MACEDO, R. S. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

PRENSKY, M. Sapiens Digital: from digital immigrants and digital natives to digital wisdom. Innovate. **Journal of online education**, v.5, n. 3, 2009.

REDECKER, C. **European Framework for the Digital Competence of Educators (DigCompEdu)**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2017. Disponível em: <https://publications.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/fcc33b68-d581-11e7-a5b9-01aa75ed71a1/language-en>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SALES, M. V. S. Tecnologias e formação: práticas curriculares em experiências inovadoras no ensino superior. In: HETKOWSKI, T. M.; RAMOS, M. A. (Orgs.). **Tecnologias e processos inovadores na educação**. Curitiba: CRV, 2018.

SALES, M. V. S., MOREIRA, J. A., RANGEL, M. Competências digitais e as demandas da sociedade contemporânea: diagnóstico e potencial para formação de professores do Ensino Superior da Bahia. **SÉRIE-ESTUDOS**, v. 24, p. 89-120, 2019.

SALES, M. V. S. **Tessituras entre mediação e autoria nas práticas de currículo na formação a distância: a construção do conhecimento no contexto universitário**. Salvador, FACED/UFBA, 2013 (Tese de Doutorado).